



## UM NINHO DESFEITO

Nasceu Antônio Sales a 13 de junho de 1868 na linda praia de Parazinho, arrabalde marítimo de Paracuru, antiga Vila do Alto Alegre,<sup>1</sup> a ouvir, diz Padre Misael Gomes, *“os bramidos e derrotas do mar, que acabou por devorar-lhe o berço, a aldeia cujo nome a sua Musa religiosamente guardou”*.<sup>2</sup>

Nunca mais saíria de sua lembrança o torrão natal, bem vivo no soneto Reminiscências, dedicado a uma de suas irmãs, a Maria ou, na intimidade, Maroca.

*“Lembra-me bem . . . — com que saudade! A aldeia  
de largas ruas, de áurea luz vestida,  
com suas grandes árvores e a ermida  
a cuja frente a grande cruz se alteia”*.

Ou no Ninho Desfeito, poemeto oferecido a seu irmão Adolfo:<sup>3</sup>

*“A casa onde eu nasci, no Parazinho,  
já não existe mais;  
sou no mundo como a ave cujo ninho  
desmancharam os rudes temporais.*

*Não somente meu lar, mas toda a aldeia,  
pousada à beira-mar,  
jaz sepultada num lençol de areia,  
e ali ninguém jamais há de habitar”*.

Conta o nosso Antônio Sales em seu poema A Criança e o Poeta que certa vez, ao entardecer, lá na sua linda aldeia, ele se isolara dos demais companheiros e tentara tocar a face da lua, emendando varas umas às outras, num esforço titânico e inatingível:

*“Quando eu era criança,  
em minha linda aldeia,  
ia brincar na areia  
com os pirralhos de minha vizinhança.*

*.....  
E fui buscar uma comprida vara:  
mas em vão! Emendei outra à primeira  
e mais outra, e, afinal,  
senti que a lua irônica, altaneira,  
ria daquele esforço colossal.*

*.....  
Mas, como já não sou simples criança,  
fugindo a pensamentos mais tristonhos,  
já não emendo varas,  
agora emendo sonhos  
para atingir o bem que não se alcança”.*

Belmiro Braga, velho e constante amigo de Antônio Sales, em seu livro *Tarde Florida*, faz uma leve referência à saudosa aldeia de Parazinho:

*“Desse mar, que o teu carinho  
tanto exalta e tu bem vês  
que o Parazinho — teu ninho —  
foi esse mar que desfez . . .*

*Foi ele que o teu querido  
berço varreu! . . . Pobre aldeia!  
E hoje vai, arrependido,  
beijar-lhe a campa de areia . . .”*

Só que o João de Deus Mineiro equivocou-se nesses versos, assim como o Padre Misael, imputando ao mar a responsabilidade pelo sepultamento do berço natal de Antônio Sales. A Pompéia rústica foi engolida pela areia impelida pelo vento. Recordou o nosso homenageado, numa sua crônica datada de 3 de março de 1918 e intitulada *O Parazinho que “os lares foram germanicamente invadidos pelas areias”* e que os habitantes dessa aldeia, frente ao fato consumado, resignados, se transferiram para o outro lado da Boca do Poço construindo novas choupanas e iniciando nova vida.

Mas o compadre do nosso poeta, Abílio Martins, aproveitou esse mesmo tema *Ninho Desfeito* e em cima dele escreveu este poema<sup>4</sup> em tom galhofeiro:

*“Choro contigo a desumanidade  
de um caso como este,  
pois desmancharam, sem necessidade,  
o ninho em que nasceste.*

*Foi-se o teu ninho,  
a tua pobre e decantada aldeia,  
onde garoto, bem pequenininho  
talvez que nu,  
brincavas sobre a areia  
em Parazinho,  
ali bem perto de Paracuru.<sup>5</sup>*

*Comigo fico a meditar, pensando  
e com razão, talvez,  
que ante esse crime bárbaro e nefando  
nem sequer um inquérito se fez . . .*

*Ah, que saudades tens do Parazinho,  
da tua pobre aldeia,  
onde nos tempos de pichitinho  
vadiavas com areia!*

*Tu deves ter saudade e tens razão,  
mas eu, quando te digo,  
que desejo também chorar contigo  
palavra que não é de coração!”*

Ao recordar os Canhões de Paracuru,<sup>6</sup> colocados frente à sua casa, fê-lo com saudade, peças bélicas então transformadas em bancos para a gurizada. E ao vê-los expostos no Museu Histórico um mundo de lembranças lhe ocorreu à imaginação: *“E assim mudos e inofensivos, os canhões de Paracuru recordam a minha infância, tão vivamente, que por olhá-los entrei a rever a terra natal tão linda e tão saudosa, que nunca mais eu tive a coragem de visitar, apesar de tê-la sempre presente à minha mente e de sonhar com ela, como um filho pródigo que volta depois de uma longa ausência”*.

Em seus versos, a presença permanente das areias, das jangadas, do azul, do vento, do mar . . .

*“Verde e bravio mar de minha terra,  
que me ninaste, quando recém-nado,  
com tua voz nostálgica que encerra  
todo poema de amor do meu passado”* e das dunas, empinadas e salientes, por ele comparadas aos *“seios virginais de gigantas deitadas”*.

Antônio Sales jamais renegou suas origens humildes, antes cantou-as com amor, condensadas no seu soneto Praieiro:

*“Eu nasci junto ao mar com seus gemidos,  
com seus bramidos fui acalentado,  
e cresci tendo sempre aos meus ouvidos  
seu clamor de gigante rebelado.*

*Meus pequeninos pés foram ungidos  
pela espuma da vaga; acostumado  
foi meu olhar de infante ao desmedido  
horizonte do pélagos salgado.*

*Eu sonhava ser um dos jangadeiros  
cujos lenhos agílimos e ousados  
vinham à tarde no areal pousar,*

*enquanto na alta fronde dos coqueiros  
as graúnas soltavam seus trinados,  
cantando as glórias dos heróis do mar!”*

## NÓTULAS

- 1 Na Vila do Alto Alegre se publicou o primeiro folheto manuscrito chamado Alto Alegre, em 1891. No ano seguinte, Paracuru lançaria seu primeiro jornal semanal impresso, o 25 de Outubro.
- 2 “À constância dos ventos devemos aqui no Ceará fenômenos também interessantes. Há poucos meses visitei Paracuru, que demora a beira do mar, no município de Anacetaba. A um quilômetro de Paracuru, existia, há quase um século, uma povoação chamada Parazinho, que foi elevada à sede de Freguesia em 1863. Ali bem perto desemboca no mar o rio Curu. Junto a risonha povoação, erguiam-se cômoros poéticos a contrastar a sua brancura estática com a irrequietude esmeraldina das ondas que ali iam morrer. Essas dunas podiam ser poéticas, mas eram ameaçadoras. Eram hostis e cruéis. Pareciam montanhas imóveis mas caminhavam lentamente. Talvez por isso mesmo o Padre João Francisco Nepomuceno Rocha tratou de edificar a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios a uns mil metros de distância, onde se situa hoje o Paracuru. Mas, quem diria que o Parazinho seria totalmente sepultado pela ação imperceptível do vento?” (*A influência do vento no destino dos homens, de Dom Antônio de Almeida Lustosa – Revista do Instituto do Ceará Tomo LX 1946; Conferência realizada no Instituto do Ceará em 4 de abril de 1946*).
- 3 A poetisa Francisca Clotilde é autora também de um soneto de mesmo título, Ninho Desfeito, publicado em 1905.

